ANASTÁCIO, Vanda; NEIVA, Saulo; SANTOS, Gilda. *L'Atlantique comme pont. L'Europe et l'espace lusophone (XVIe – XXe siècles)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2012, 258p.

Marcella Lopes Guimarães[1]
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 30/04/2013**
● **Aprovado em: 04/07/2013**

Trago à revista *Diálogos Mediterrânicos* a notícia benfazeja da publicação de *L'Atlantique comme pont. L'Europe et l'espace lusophone (XVIe – XXe siècles)* para lembrar que, nesses ***diálogos***, incluem-se cenários com os quais a cultura mediterrânica passou a se comunicar mais fortemente a partir da Expansão Ultramarina. Resultado de dois colóquios realizados em 2010, em Paris e no Rio de Janeiro, em que colaboraram três instituições, a saber: Real Gabinete Português de Leitura no Brasil, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em Portugal e Universidade Blaise-Pascal (Clermont II) na França, a coletânea é assinada por quinze pesquisadores de centros prestigiados e foi publicada em francês pela Blaise-Pascal, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

A obra inclui os resumos dos artigos em três línguas: francês, português e inglês e é dividida em três partes: confrontações com o outro, textos e ideias em movimento e nomadismo das formas[2]. Seu prefácio evoca as circunstâncias de elaboração da obra, a cooperação institucional, a trajetória intelectual dos organizadores: Vanda Anastácio, Saulo Neiva e Gilda Santos, que também assinam capítulos, e manifesta o quadro em que a metáfora da ***ponte*** deve ser compreendida. Em primeiro lugar, releitura aberta ao potencial das conexões e das trocas, no reconhecimento de um passado compartilhado[3], que não quer, entretanto, fazer apagar os terríveis vínculos de dominação "presentes nas relações entre os povos"[4]. Na obra, essa releitura parte de fontes, sobretudo, literárias, inclui-se aí o repertório

1 Professora Doutora de História Medieval da UFPR e pesquisadora do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos).
2 Todas as traduções da obra *L'Atlantique comme pont* são de minha lavra.
3 ANASTÁCIO, Vanda, NEIVA, Saulo, SANTOS, Gilda. *L'Atlantique comme pont. L'Europe et l'espace lusophone (XVIe – XXe siècles)*. Clermont-Ferrand : Presses Universitaires Blaise Pascal, 2012. P.12-13.
4 Idem, p.14.

poético e musical do texto de José Miguel Wisnik[5]. Mas não só. Ressalto dois exemplos: o último texto da primeira parte[6], em que a obra de Vicente do Rego Monteiro é evocada (a obra do artista ainda participa da abertura de todas as seções da coletânea, o que contribui para o belo resultado do conjunto), e o último texto do livro, que traz a obra de Adriana Varejão (1964), também capa[7], para o debate.

Na primeira parte, confrontações com o outro, Isabel Almeida traz à cena "o imperador da língua Portuguesa"[8] que atravessou o Atlântico pelo menos sete vezes para uma "conquista espiritual indissociável de uma cruzada política"[9]. No caso, é pelo "novo" oceano, em oposição ao "velho" Mediterrâneo, que a Companhia de Jesus realizaria essa conquista inseparável da coroa portuguesa. Um dos aspectos mais interessantes levantados nessa viagem é o do conhecimento, pois Vieira percebeu que "atravessar a ponte [significou] conhecer o mundo e se reconhecer como predestinado"[10]. Michel Riaudel abraça o desafio de compreender a ponte entre mundos realizada por Diogo Álvares, o Caramuru, de cuja origem e estabelecimento no Brasil pouco se sabe. O pesquisador voltou às fontes lacunares sobre o personagem para compreender o seu papel intermediário, em que sua competência linguística em casos precisos, como o suporte dado ao capitão donatário Francisco Pereira Coutinho (1545-1548), significou salvaguarda dos interesses da coroa. A atuação de Diogo Álvares tão arduamente seguida nos documentos leva o pesquisador a se perguntar se o que motivara o Caramuru foi uma fidelidade às origens portuguesas[11]. Conclui pela confluência de interesses em que essa é uma das possibilidades. Ettore Finazzi-Agrò examina a intermediação cultural de outro personagem, cujo conhecimento do Brasil (e de Portugal) parece incompatível com o perímetro experiencial de sua viagem a esses espaços (a Portugal nunca teria ido...). Trata-se do parisiense Ferdinand Denis que no século XIX se converteu em porta-voz da lusofonia na Europa. Ele contribuiu inclusive para convencer os brasileiros com as ficções imaginárias europeias que refletiam os desejos europeus... Kenneth David Jackson fecha a primeira parte da coletânea, confrontações com o outro, trazendo "canibais a Paris"[12]! Parte de uma defesa da releitura dos códigos europeus, operada pelos modernistas brasileiros, com a mais imediata evocação do Manifesto da Poesia Pau-Brasil, de 1924, e situa a obra de Vicente do

5 « Fernando Pessoa et la chanson brésilienne ». Páginas 149 a 161.
6 "Des cannibales à Paris: le primitivisme satirique d'Oswald de Andrade et de Vicente do Rego Monteiro » de Kenneth David Jackson. Páginas 65 a 75.
7 Obra *Milagre dos peixes* de Adriana Varejão.
8 Verso pessoano (da *Mensagem*) no poema "Antonio Vieira".
9 *L'Atlantique comme pont...*, p.25.
10 Idem, p.27.
11 Idem, p.47.
12 Idem, p.65.

Rego Monteiro como evidência de um diálogo crítico[13] - eu acrescentaria, poderoso e criativo - , com as vanguardas europeias. No livro *Quelques visages de Paris* (1925), Rego Monteiro reinterpreta monumentos emblemáticos da cidade luz com os grafismos indígenas, mais especificamente marajoaras. Entre as páginas 71 e 74, desenhos de Rego Monteiro confirmam a intenção dessa coletânea em francês: dar a conhecer em novas bases, sem renunciar ao belo.

A segunda parte, textos e ideias em movimento, é a maior da coletânea e continua o percurso pela ponte atlântica diacronicamente, da aurora dos tempos modernos[14] à "solidariedade transatlântica", vivida por exilados portugueses no Brasil, no século XX[15]. Lisa Vollendorf guia o necessário descortinamento da voz feminina que revela nuances importantes da "auto-autorização das mulheres"[16] e da confrontação entre os valores de um mundo que se transformava e continuava apegado aos quadros do passado. Como na obra de Vieira, com que esse *L'Atlantique comme pont* começou, ou na defesa de Bernarda Manuel, acusada em 1650, pela inquisição espanhola de judaizar[17], subsistem elementos do espírito de cruzada medieval desta vez em um mundo mais amplo, ou seja, em que a "perdição" aumentou o seu espaço possível. Tobias Brandenberger eleva outras possibilidades da ponte atlântica ao reivindicar a voz histórico-literária do escritor açoriano Gaspar Frutuoso na sua inteireza, não como passagem, mas como "ponto de intersecção e ponto de partida ao mesmo tempo de diversas pontes discursivas atlânticas"[18]. Já o *elogio* é o gênero evocado por Vanda Anastácio na continuidade da travessia. A pesquisadora percebe que ele revela aspectos valorativos da importância do Brasil na competição entre os impérios coloniais, estabelece um rol de julgamentos e escolhas (incluídos o apagamento e a anulação) e motiva recepções geradoras de novos sentidos no jogo entre as principais nações europeias do século XVIII. Jean-Yves Mérian aposta em um tema fecundo para a pesquisa acadêmica e valoriza com exemplos o fato de que "ideias novas", importadas de centros de cultura prestigiados, atlânticos e mediterrânicos, só eram adotadas no Brasil em função, - e eu acrescendo, nos limites percebidos no contexto -, das realidades próprias do país. Um dos casos debatidos é o confronto entre as ideias de socialistas utópicos franceses e o problema da escravidão. Lucia Maria Paschoal Guimarães parte da crítica às bases do pensamento de Bernard Baylin para compreender a publicação da revista *Atlantida* (entre 1915 e 1920) como espaço de criação

13 Idem, p.67.
14 "Cartographie des études de genre dans l'Atlantique ibérto-américain à l'aube des temps modernes » de Lisa Vollendorf. Páginas 81 a 96.
15 "Solidarité transatlantique: le dialogue Amérique – Europe instauré par des exilés portugais autour du journal Portugal Democrático (São Paulo, 1956-1975) » de Gilda Santos. Páginas 163 a 177.
16 *L'Atlantique comme pont...,* p.94.
17 Idem, p.91.
18 Idem, p.103.

de uma comunidade na ponte atlântica, em contexto de reflexão crítica a respeito de afinidades e diálogos culturais possíveis entre Brasil e Portugal. José Miguel Wisnik ilumina a releitura operada na travessia atlântica ao indicar a apropriação realizada por Caetano Veloso da poesia de Fernando Pessoa, aventura que passa pela impactação das ideias do pensador português Agostinho da Silva (1906-1994), exilado no Brasil durante o estado novo português. Gilda Santos fecha a segunda parte da coletânea, com outra comunidade atlântica, formada pelo jornal *Portugal Democrático*, que sob os auspícios de outro intelectual português, Joaquim Barradas de Carvalho (1920-1980), divulgaria inciativas e publicaria artigos de grandes intelectuais não só lusófonos, ao longo de vinte anos. Destaque-se que no periódico se intui a viagem ficcional da futura *jangada* de Saramago, vencida pela História...

O Barroco abre a última parte da obra, nomadismo das formas. É um perfeito ensejo, na medida em que Jean-Claude Laborie discorre sobre o jogo entre readequação e perenidade estética, entronizado pela dinâmica própria do movimento em Portugal. Assim, em uma primeira recepção no Brasil, manifesta-se a imitação de modelos, transferência em que atua a Companhia de Jesus, e, em uma segunda, a reconfiguração, impressa na Europa literalmente e vinculada aos seus quadros estéticos. Entretanto, nesse caminho, a própria vida colonial brasileira se transformou, com novas sociabilidades[19] que se manifestaram nas escolhas sensíveis dos artistas. A exposição dos trânsitos estéticos que o teatro e a ópera levaram à cena diversifica ainda mais a ponte atlântica, no texto de David Cranmer. O pesquisador levanta exemplos da propagação do repertório teatral e não se escusa de reconhecer os limites da compreensão do tema, num jogo em que centro e periferia artística não seriam posições estáveis (caso de Portugal em relação às cidades italianas e em relação ao Rio de Janeiro) para o pastiche do texto e sucesso junto ao público.

Como elevar o Atlântico como ponte em travessia literária sem um capítulo sobre a épica? Saulo Neiva assume o desafio ao examinar releituras do passado em três poemas desse gênero povoado de heróis. Conclui que a epopeia do século XX manifesta seu apelo à memória para não esquecer dos sobreviventes outrora escondidos sob a capa de Aquiles (desejo de reparação). O texto de Silviano Santiago é a quarta-capa da obra em que brilha a arte de Adriana Varejão, desestruturando a "cortesia" do azulejo do século XVIII e o planisfério renascentista, com a violência da guerreira e a ferida sangrenta no velho mapa de Lopo Homem (século XVI).

19 Idem, p.189.

L'Atlantique comme pont. L'Europe et l'espace lusophone (XVIe – XXe siècles) escreve em francês a ponte atlântica, não para francês ver! Não ilude os leitores lusófonos como Ferdinand Denis... Vai buscar na Literatura suas fontes para reescrever a História Atlântida e mais. Há muito a História não é a sucessão de eventos acontecidos, inclui entre seus interesses as mentiras que contamos para nos convencer, as imagens, os sonhos, os projetos, as crônicas e as revisões que as épocas intentam operar. Bem haja à coletânea que eleva uma tradição compartilhada entre oceanos de cultura!